

O TEMPO DAS MUDANÇAS NA GEOGRAFIA DE NOSSA CIÊNCIA

Em tempos passados, os eventos e as mudanças e sobretudo as informações sobre elas, aconteciam em um ritmo muito mais lento e certamente mais harmoniosa com a existência do homem. Os efeitos dos eventos ocorridos ficavam aparentes com uma latência que permitia a adaptação e compreensão das diversas situações que se apresentavam ao longo da vida do indivíduo e da história.

Hoje em dia, em contraste, a informação que recebemos sobre os mais diversos acontecimentos é explosiva, instantânea e global. Em qualquer lugar afastado do mundo, ficamos informados dos fatos em um abrir e fechar de olhos, fatos que ocasionalmente são de natureza positiva, mas geralmente negativos. Bom exemplo disto são as guerras e as mudanças políticas que ocorrem constantemente em muitas latitudes.

No entanto, mudanças nos sistemas produtivos são muito mais lentas, para gerá-los ou destruí-los. As mudanças culturais, por sua vez, são ainda mais lentas para terem lugar; a cultura é duradoura, leva até séculos para se desenvolver e perdura tanto quanto os povos, às vezes até após o desaparecimento destes.

A ciência se encontra em algum lugar intermediário. Toma várias décadas desenvolver um sistema científico produtivo que alcance uma repercussão efetiva para a sociedade, a economia e para o bem-estar das pessoas. Isto depende do armônico desenvolvimento de múltiplos fatores. Requer da existência de um estabelecimento educativo com a devida qualidade a partir dos níveis iniciais até os superiores, de uma infraestrutura apropriada que conte com os recursos necessários para seu funcionamento, da cooperação e intercâmbio internacional, do desenvolvimento industrial, e da capacidade inovadora e empreendedora dos habitantes.

Alcançar um nível científico notável requer muitas décadas de esforços, é assim como países extensos como Argentina, Brasil e México, na América Latina, têm conseguido o nível de produtividade científica que possuem e, mesmo sem alcançar o nível dos países de primeiro mundo, alojam grupos

de investigação com notável atuação em alguns campos do conhecimento, assim como um desenvolvimento industrial crescente.

Para os países menores, alcançar a massa crítica necessária é muito mais difícil, geralmente são individualidades isoladas aquelas que alcançam notoriedade nos diversos campos do saber. Entre estes últimos, Venezuela se destacou por alcançar na segunda metade do século passado uma posição de relevância na região, certamente ajudada pelos ingentes ingressos fiscais que lhe proporcionava sua condição de país petrolífero.

Por outro lado, pouquíssimas décadas são necessárias para destruir o acervo científico de um país. Na Venezuela, por exemplo, em menos de vinte anos, através da ideologização da educação e a militarização do país, de asfixiar financeira e moralmente os centros de ensino superior e investigação, de limitar liberdades individuais e controlar as indústrias e os meios de comunicação, conseguiu gerar uma emigração massiva de cientistas e reduzir o número de publicações com uma velocidade vertiginosa, situação que continuará e se acentuará em um futuro próximo.

É assim como o mapa regional vai modificando-se. Países emergentes, tais como Chile, Colômbia e Equador, incrementam progressivamente sua presença na literatura científica universal, ao tempo que a Venezuela segue um rápido e lamentável curso descendente. Tal situação não se manifesta exclusivamente pela queda do número de publicações da produção científica. Com o mesmo ritmo, reaparecem enfermidades de outros tempos, quase esquecidas, como a malária e a difteria, aumenta a mortalidade infantil, a produção industrial cai para níveis impensáveis, impera a hiperinflação, a população emigra...

MIGUEL LAUFER
Diretor